

## ODONTOLOGIA E FUTEBOL: A INVASÃO DO “PORTINGLÊS”

---

Antonio Carlos Piccino \*

---

### Resumo

O emprego de palavras de língua estrangeira vem-se tornando uma constante nos meios odontológicos de comunicação, especialmente as de origem Norte-Americana. Este ensaio enfatiza a necessidade de profissionais da área odontológica votarem suas atenções para a renúncia lingüística que vem ocorrendo.

### Abstract

The use of foreign language words is becoming more and more common in Odontological means of communication, especially North-American words. This essay emphasizes the necessity of the Odontological professionals to focus their attention to the linguistic rejection that has been happening.

### Introdução

Lendo o Estado de São Paulo de 12/12/98, encontramos no primeiro caderno à página 2 (A2), um artigo do filósofo, membro da Academia Brasileira de Letras e ex-Reitor da Universidade de São Paulo, Professor Miguel Reale, sobre as

“Variações sobre a linguagem”, citando grandes pensadores que dizem ser a linguagem o solo comum da cultura. Diz ele que essa afirmativa veio esclarecer uma série de problemas fundamentais, e continua: - *A pretensão de se reduzir tudo à cultura, ou seja, ao que a espécie humana tem logrado pensar e constituir ao longo do processo histórico hoje superada; em segundo lugar, a cultura tem como base a linguagem, dom natural próprio do ser humano. Com isso era reconhecido, em suma, que a natureza está na base da cultura, a partir do fenômeno da linguagem que representa o ponto comum de intersecção entre o que é natural e o que é cultural.*

Desse modo, diz ele, ficaram superados tanto o naturalismo como o culturalismo extremados, conferindo-se à linguagem um papel básico, mas sem o exagero de se afirmar que, no fundo, todos os problemas da ciência não seriam mais do que problemas com a linguagem.

*Conclui-se que cada língua constitui um patrimônio histórico pelo qual cada povo deve zelar de forma prioritária, evitando a invasão desnecessária de palavras alienígenas, afeiçoando, sempre que possível; os novos termos criados pela ciência e pela tecnologia às raízes de nosso idioma,*

---

\* Docente da UNIPAR. Doutor em Dentística.

ou seja, às suas propensões naturais.

Ao contrário do que acontece, por exemplo, com franceses, alemães e espanhóis que, com esmero, cuidam de preservar a própria língua, notamos que isto não vem acontecendo no Brasil, marcado por atos de contínua renúncia lingüística. Sem deixar de reconhecer que, num mundo em que predomina a globalização, novos termos, neologismos e mesmo algumas palavras alienígenas sejam incorporadas à nossa língua, nos é justo reagir a tentar chamar a atenção para as palavras ou termos que vêm sendo introduzidos paulatinamente em nosso linguajar, ameaçando não só a pureza da língua, como restringindo a comunicação aos grupos capazes de entender tais expressões no original.

Nos meios odontológicos de comunicação, há uma invasão maciça, porém desnecessária, de termos que apressados tradutores não se deram ao trabalho de investigar e adequar ao nosso idioma, causando, ainda, compreensão distorcida de seu significado. Tome-se como exemplo o termo *bruxism*, que tem sido levemente aceito como bruxismo. Em inglês, bruxa ou feiticeira diz-se *witch*, então bruxismo nada tem a ver com *witch*. Já em português, quando dizemos bruxismo, faz-nos pensar logo em atos de bruxaria ou de feitiçaria. Deveríamos, então, deixar de lado o uso desse termos, substituindo-o por: ranger os dentes, briquismo ou fender os dentes.

Vemos, com freqüência bastante grande, o uso, entre muitos outros, de termos como *overdenture* e ainda uma longa lista de palavras alienígenas que inclui: *over-jet*, *night-guard*, *attachments*, *copings*, *abutment*, *colarless*, *sprue*, *sky hook*, *o-ring*, *amalgam pin*, *straight-wire*, *cross-linked*, *twist-flex*, *edge-to-edge*, *slump-test*, *cross-bite*, *deep-bite*, *open-bite*, *scissors-bite*, *bruxism*, *bumper*, *elastics*, *in-set*, *off-set*, *slot*, etc., etc.

Aliás, recebermos alguns folhetos (chamados de *folders*...) onde aparecem ainda: *flush*, *switch* de segurança, tratamento *multicoating*, *desing*, *flowable*, *splint*, *workshop*, *hands-on* e outros termos que se mesclam num verdadeiro coquetel

lingüístico, tornando cada vez mais acintosa a desconsideração pelo nosso idioma. Essa mistura constitui-se no chamado “portinglês”.

A solução não é difícil nem absurda. Temos exemplos bastante corriqueiros de como reverter este quadro. Num ensaio, publicado na página 198 da Revista VEJA, de 09/12/98, Roberto Pompeu de Toledo diz em sua introdução: *Novos termos no futebol refletiram nossa necessidade incurável de submissão ou seriam só bobeira?*

Como exemplo, ele apresenta as palavras “assistência” e *play-off*, citando um jornal no qual diz que Fábio Júnior *recebeu duas belas assistências de Müller* e pergunta: *Que significará isso?*. Assistência pode significar o conjunto de pessoas assistindo a um espetáculo, platéia, público. Müller teria então arregimentado dois belos pedaços da platéia presente ao jogo e oferecido ao companheiro Fábio Júnior, sabe-se lá como e porquê.

Assistência pode também ser assistência médica ou social. No primeiro caso, Müller teria parado de jogar para assistir o companheiro ferido. No segundo, teria corrido em seu auxílio para aliviá-lo de uma situação de penúria.

E *play-off*? Disputam-se *play-offs* atualmente no campeonato nacional. *Off*, comenta o autor, é uma partícula que dá idéia em nossa língua de “fora, sair fora, afastar-se” ou então desligar. Qualquer possuidor de aparelhos eletrônicos sabe disso: *On*, situa-se na posição de ligar e *off* na de desligar. *Play* é brincar ou jogar; *play-off* seria então desligar o jogo, o que configuraria uma extrema violência. Com o jogo em andamento, de repente ele é desligado, ou seja, termina, apaga-se. Ou então, a prevalecer o sentido de “sair fora”, no meio da partida, de repente, um time sai fora, retira-se do campo, para perplexidade do outro time e frustração da assistência.

A história do futebol no Brasil é, entre outras coisas, uma história do triunfo da língua portuguesa. O futebol, esporte inglês, introduzido por ingleses no País, no início “era jogado em inglês”. Entrava em campo não o goleiro, mas o *goalkeeper*, não o zagueiro, mas o *back* e ainda o *enter half* e o *center*

*forward*. Disputava-se o *match* em dois *half times* e neles ocorriam *off-sides*, *corners* e *fouls*. A aclimação deu-se às vezes por simples aportuguesamento das palavras, como no *goal*, que virou gol. Algumas poucas palavras inglesas ainda não caíram em completo desuso, como *corner*, mas *corner* já está desaparecendo, dando lugar ao escanteio.

O triunfo da língua reflete o triunfo do futebol. Mostra que o futebol se enraizou a tal ponto, nestas terras, que o povo acabou por revesti-lo com o que tem de mais particular e íntimo que é o idioma. Não é difícil, portanto, estabelecer uma animadora analogia com que se pode fazer pela comunicação odontológica e, de um modo geral, científica, neste país. Cabe aos profissionais responsáveis encetarem esta missão importante que não só os tornará mais conscientes dos valores básicos de sua nacionalidade, como os fará rejeitar enfaticamente a submissão a idiomas alienígenas, mais restritos e pobres em vocabulário que o nosso próprio.